



A Importância da Reforma de Córdoba para o Contexto Acadêmico Latino-Americano: Cem Anos de Contribuição

Elisabete Monteiro Aguiar Pereira¹ 
¹Universidade Estadual de Campinas

RESUMO

O artigo apresenta os contextos social, político, econômico e educacional do movimento de Córdoba de 1918, cujo centenário se comemora em 2018. Analisa esses contextos no seu desenvolvimento histórico como bastidores da eclosão da reforma de Córdoba e publicação do documento conhecido como Manifesto Liminar, ou documento da Reforma Universitária de Córdoba. O ponto central do artigo é o de analisar a importância que o movimento teve naquele tempo e as razões da sua influência permanente nos movimentos estudantis nestas dez décadas de existência, em vários países da América Latina, tornando-se um importante legado para os estudantes e um igualmente importante chamado para a organização particular de um universidade latino-americana com olhar para suas específicas questões sociais, culturais e educacionais.

PALAVRAS-CHAVE

Reforma de Córdoba. Movimento estudantil de Córdoba. Manifesto de Córdoba. Reforma universitária de 1918.

Correspondência ao Autor

¹ Elisabete Monteiro Aguiar Pereira

E-mail: eaguiar@unicamp.br

Universidade Estadual de Campinas,
Brasil

CV Lattes

<http://lattes.cnpq.br/6205064013011021>

Submetido: 05 nov. 2018

Aceito: 22 jan. 2019

Publicado: 16 fev. 2019

 10.20396/riesup.v5i0.8653900

e-location: e019037

ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



The Importance of Córdoba's Reform to the Latin American Academic Context: One Hundred Years of Contribution

ABSTRACT

The article presents the social, political, economic and educational contexts of the Córdoba movement of 1918, whose centenary is celebrated in 2018. It analyzes these contexts in their historical development as the background of the outbreak of the reform of Córdoba and publication of the document known as the 'Liminar Manifest', or document of the Córdoba University Reform. The central point of the article is to analyze the importance that the movement had at that time and the reasons of its permanent influence in the student movements in these ten decades of existence, in several countries of Latin America, becoming an important legacy for the students and an equally important call for the particular organization of a Latin American university with a look at its specific social, cultural and educational issues.

KEYWORDS

Córdoba Reform. Student movement of Córdoba. Cordoba Manifest. University reform - 1918.

La Importancia de la Reforma de Córdoba para el Contexto Académico Latinoamericano: Cem Años de Contribución

RESUMEN

El artículo presenta los contextos social, político, económico y educativo del movimiento de Córdoba de 1918, cuyo centenario se conmemora en 2018. Analiza estos contextos en su desarrollo histórico como bastidores de la eclosión de la reforma de Córdoba y publicación del documento conocido como 'Manifiesto Liminar', o documento de la Reforma Universitaria de Córdoba. El punto central del artículo es el de analizar la importancia que el movimiento tuvo en aquel tiempo y las razones de su influencia permanente en los movimientos estudiantiles en estas diez décadas de existencia en varios países de América Latina convirtiéndose en un importante legado para los estudiantes y un igualmente importante llamado para la organización particular de una universidad latinoamericana con mirar sus específicas cuestiones sociales, culturales y educativas.

PALABRAS CLAVE

Reforma de Córdoba. Movimiento estudiantil de Córdoba. Manifiesto de Córdoba. Reforma universitaria - 1918.

Introdução

O movimento que ficou conhecido como Reforma de Córdoba de 1918 conserva sua importância, passados 100 anos. Sua significação está relacionada às bandeiras empenhadas por ele, as quais são, até hoje, a base de todos os movimentos que defendem a universidade pública em todos os movimentos universitários da América Latina. Em junho de 2018 comemoramos o seu centenário. Pela sua extensão e intensidade, foi um movimento nunca visto anteriormente em contexto acadêmico latino-americano.

Na época, sua importância se deu pela reestruturação cultural, política e educacional que desencadeou em vários países da América Latina. No Brasil, devido a não termos nessa época um sistema universitário, vamos sentir sua influência 50 anos depois, isto é, nos anos de 1968, período em que os estudantes brasileiros fizeram semelhantes reivindicações e buscaram retomar o que o movimento de Córdoba chamou de ‘implementar uma universidade latino americano’. Esta afirmação está no texto original que deu publicidade ao movimento intitulado “La juventud argentina de Córdoba a los hombres libres de Sudamérica (Manifiesto del 21 de junio de 1918)” (p. 198). Neste artigo vamos explorar esse texto em sua contribuição para as reivindicações estudantis que se fizeram, desde então, nas universidades da América-Latina. A análise não tem a pretensão de ser original, uma vez que o texto tem sido explorado nesses 100 anos de existência, mas trazer considerações sobre sua influência nas ações políticas estudantis desde então.

O Movimento de Reforma de Córdoba e seus Contextos

A Universidade de Córdoba, fundada em 1613, é a mais antiga da Argentina e a quarta criada na América espanhola. Assim, por ocasião da Reforma de Córdoba ela contava com 305 anos de existência e a Argentina possuía outras quatro universidades nacionais: Buenos Aires (1812), Santa Fé (1889), La Plata (1890), e Tucumán (1912). As universidades nas colônias espanholas foram anteriores às universidades nas colônias inglesas. A título de comparação, a Universidade Harvard, que é a primeira universidade americana, foi fundada em 1636 (CLARK, 1992).

No Século XVI, por ocasião das grandes navegações e conquistas de terras, principalmente pela Espanha, Inglaterra e Portugal, as universidades existentes eram em maior número na Espanha, que contava com doze universidades. A Inglaterra possuía três e Portugal uma - a Universidade de Coimbra, fundada em 1308. A Espanha era uma sociedade que se preocupava com a questão da educação superior, o que pode explicar a razão de suas colônias terem universidades bem mais cedo do que as colônias inglesas e portuguesas. Isto pode ser verificado no número de universidades nesses países no final do século XVI. A Espanha tinha trinta e duas universidades, Inglaterra cinco e Portugal duas (ROSSATO, 1998; PEREIRA, 2008).

As datas das fundações das primeiras universidades nos países latino-americanos que eram colônias espanholas dão a dimensão dessa importância. A primeira universidade fundada pelos espanhóis foi a de Santo Domingo, na atual República Dominicana, em 1538, apenas quarenta e seis anos depois do seu descobrimento (ROSSATO, 1998).

A Universidade de Córdoba, por ocasião do Movimento de Reforma de 1918, contava com 305 anos de existência, o que ofereceu uma massa crítica de vivência estudantil. Nesse período, a Universidade de Córdoba teve duas outras reformas acadêmicas, mas nenhuma alcançou a intensidade e a solidez deste movimento, cujo espírito de reforma se projetou muito além do país, expandindo-se para outros países da América Latina (BONAVITA *et al.*, 2007).

A primeira reforma da Universidade de Córdoba foi em 1767, quando os jesuítas, que a administravam desde o início, foram expulsos da administração por uma resolução do Rei Carlos III. Durante um século e meio, os jesuítas haviam conservado a universidade com um perfil exclusivamente teológico-filosófico (BERNHEIM, 1998). Silva (2007, p. 5) em seus estudos, aponta que a Companhia de Jesus se radicou na capital da província de Córdoba em finais de 1599, e se fixaram num complexo educacional-espiritual chamado de “Manzana Jesuítica (Mansão Jesuítica), desenvolvendo intenso trabalho na área de educação onde criaram o Colégio Máximo em 1610, a Universidade de Córdoba em 1613, e o Colégio de Monserrat em 1687. Para ele, esse “espírito sectário persistiu ao longo dos anos na colônia, e mesmo depois, nas Repúblicas latino-americanas do século XIX” (SILVA, 2007, p. 6).

O curso de Teologia tinha a duração de onze semestres e o de filosofia com o mesmo tempo, era baseado nos ensinamentos de Aristóteles. O espírito jesuítico, que dominava toda a estrutura da universidade tinha menor apreço pelas áreas do conhecimento como matemática, física, direito público, idiomas, música. Os jesuítas frequentemente recebiam críticas por manterem a universidade enclausurada, insensível às transformações da sociedade e resistente à nova ciência, mantendo-a conservadora e resistente às mudanças do mundo social, econômico, cultural e político. Uma das práticas preservadas na universidade era a da cátedra vitalícia, a do ensino dogmático e livresco, considerados ultrapassados e distantes das dinâmicas transformações do mundo (BERNHEIM, 1998).

Os Jesuítas estiveram à frente da universidade até 1767, quando foram expulsos por Resolução do Rei Carlos III, e esta passou à direção dos Franciscanos que criaram a Faculdade de Direito e Ciências Sociais em 1791, e promoveram modificações nos currículos de formação dos estudantes, mas estes também foram tirados da administração da universidade pelo clero secular. Foi nomeado como reitor, Dr. Gregório Funes, tido como um intelectual mais acessível ao desenvolvimento das ciências e das técnicas, inaugurando um período mais progressista e aberto aos novos conhecimentos (BIAGINI, 2000). Como consequência, profundas reformas aconteceram nos estudos e no currículo com a introdução de novas matérias de formação, como aritmética, álgebra e geometria. Outras conquistas foram a entrada de mulheres em 1884 e a promulgação da Lei N° 1597, em 1885, conhecida como Lei Avellaneda. O projeto original da lei Avellaneda contemplava o governo autônomo

das universidades e de recursos próprios, com liberdade e periodicidade de cátedra, apoio à pesquisa, modernização dos métodos de ensino e cogestão universitária. Para Borches (2008, p. 2), esta Lei “deu ao Poder Executivo da Faculdade a condição de modificar estatutos e nomear professores”.

A terceira reforma foi o Movimento de Córdoba de 1918, cujo marco foi o de culminar em documento as reivindicações que vinham sendo gestado em anos anteriores, devido a insatisfações com o conservadorismo dos ensinamentos que não incorporavam os novos conhecimentos científicos. O Movimento, que tem como data formal o dia 21 de junho de 1918, foi precedido por assembleias de base e mobilizações de rua e criou, no dia 10 de março de 1918, o Comitê Pró-reforma que, posteriormente se transformou na Federação Universitária de Córdoba (FUC). Uma greve geral dos estudantes foi iniciada no dia 31 de março de 1918. O movimento de greve se expandiu para todo o país, com os demais estudantes apoiando as demandas dos de Córdoba (TCACH, 2012). O movimento teve também o apoio de sindicatos, partidos políticos de esquerda e intelectuais. Dentro da Universidade de Córdoba muitos professores apoiavam os estudantes, embora não pudessem manifestar o apoio abertamente.

É conhecida a principal passagem desse movimento que lança o importante e histórico Manifesto Liminar com o título ‘La juventude argentina de Córdoba a los hombres libres de Sudamérica’ em 21 de junho. O documento é uma carta de princípios para uma mudança na universidade que era considerada injusta e desigual. Os estudantes buscavam a democratização da universidade e empreenderam um chamamento para a construção de uma América Latina mais unida, democrática e integrada¹.

Conforme análise do contexto político-educacional, outros aspectos contribuíram para a eclosão desse movimento, uma vez que os estudantes, além de considerarem o regime universitário anacrônico, se ressentiam do regime de cátedra dos professores e de um ensino longe das conquistas científicas. Romo e Mühlenbrock (2017) assinalam que o regime de cátedra fazia com que os novos docentes que entravam, seguissem o mesmo método. Isto era visto como ausência de uma docência livre e como entrave para a renovação dos métodos de ensino e aprendizagem. Os estudantes diante desse contexto buscavam no movimento que empreenderam, a autonomia universitária, entendendo-a como a única forma da universidade ter mais liberdade para se gestar e atender às suas necessidades. Questionavam também o autoritarismo da escolha dos dirigentes que não era feita por meio de eleição com a participação da comunidade acadêmica.

No aspecto social, a universidade não era gratuita e apenas a classe socioeconômica privilegiada a podia frequentar. Os estudantes entenderam que para democratizar a universidade esta deveria ser gratuita, com acesso mais democrático e ter assistência para a permanência dos estudantes de classes desprivilegiada (ROMO; MÜHLENBROCK, 2017).

¹ Ver Documento histórico em seu original disponibilizado no site: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101109083227/20juve.pdf>.

O Manifesto Liminar representou a manifestação dos pontos centrais desse processo de buscar reformar a Universidade de Córdoba, mas a influência dos aspectos reivindicados por ele ultrapassaram os limites regionais. Segundo Bernheim (1998), o movimento estudantil na Universidade de Córdoba se desdobrou para além das fronteiras argentinas, influenciando outros jovens em diversos países da América do Sul, que também saíram em defesa da educação superior. O Manifesto se tornou daí para frente, um importante documento na história das universidades latino-americanas.

O valor deste documento centenário está em concretizar e dar forma às lutas que vinham acontecendo e dar visibilidade aos desejos dos estudantes que o defendiam. Ao analisar o documento verifica-se que ele traz um aspecto inteiramente novo ao defender que a universidade fosse mais ligada aos problemas sociais e fosse uma instância de busca de soluções a eles, numa demonstração de que os ideais pretendidos se estendiam às problemáticas sociais e visavam à conjuntura nacional e latino-americana. O movimento da reforma de Córdoba está inserido em contexto social, político, cultural e educacional, cuja compreensão é fundamental para entender o que representou nesses 100 anos. Passaremos a descrever sucintamente esses contextos e sua relação com as reivindicações dos estudantes no Documento da Reforma de Córdoba ou Manifesto Liminar

O Contexto Sócio-Político

No contexto político, a Argentina recém iniciava uma fase democrática com a eleição de Hipólito Yrigoyen, em 1916, como presidente, por sufrágio universal (SILVA, 2007). No entanto, somente os homens votavam, as mulheres ainda não tinham adquirido esse direito de cidadã. O governo de Yrigoyen foi considerado mais aberto e garantia liberdade para diferentes movimentos civis exporem seus problemas. O contexto mundial estava marcado por guerras, revoluções e um período duro de final da I Grande Guerra. O México tinha tido a Revolução Mexicana, em 1910 e a Rússia, a Revolução Russa de 1917. Existia um sentimento anti-imperialista forte nas classes médias e a juventude expressava alguns destes ideais.

O movimento operário era incipiente e não se configurava um ator político forte. A classe média se desenvolvia mais rapidamente trazendo diferentes demandas, particularmente a respeito de ensino superior. Eram os estudantes, com seus movimentos políticos, que representavam um papel mais preponderante nas reivindicações sociais e políticas. Desde o fim do século 19, os estudantes tinham adquirido um peso significativo como parcela ativa da juventude, quanto às questões políticas (RAMIREZ, 2002).

Em 1917, os estudantes realizaram um abaixo-assinado dirigido ao Ministério de Instrução Pública reclamando uma democratização da universidade e liberdade do sistema de cátedras. Ao lado de reivindicações de autonomia e liberdade para as universidades, os estudantes iniciaram discussões sobre o papel de responsabilidade política desta para com a

nação e com a defesa da democracia. Cada vez mais se fortalecia o desejo de uma nova situação social e política para a Argentina e, em extensão, para as nações latino-americanas.

Essa nova visão fomentou o sentido de uma universidade atuante, tanto na produção e disseminação do conhecimento, como na implementação de políticas solidárias, de manutenção da paz, de eliminação de fronteiras entre os povos latinos e de desenvolvimento de uma “consciência das comunidades latino-americanas” (MONCAYIO, 2008).

O Contexto Educacional

Conforme descrito acima, a Universidade de Córdoba era dirigida por uma oligarquia católica e os estudantes não participavam de qualquer atividade administrativa, inclusive nas eleições de escolha de reitor. Há muito eles vinham reivindicando mudanças na relação dos estudantes com a administração da universidade. Seguindo a mesma sistemática, em 15 de junho de 1918, houve eleições para reitor com votos apenas dos professores e foi eleito Antonio Nores, um candidato jesuíta, considerado conservador pelos estudantes que protestaram e, dentre as atividades de protesto, ocuparam a reitoria. Segundo Bernheim (1998), os estudantes decretaram greve por tempo indeterminado, desta vez, com muita violência, mobilização nas ruas, confronto com a polícia e tiveram o apoio de sindicatos, políticos, intelectuais e de outros estudantes.

A intensidade dos atos culminou na renúncia do reitor eleito. O Presidente Hipólito Yrigoyen, que tinha os estudantes como parte de sua base social, nomeia o então ministro da justiça Sr. José Salinas para reitor. Conforme Portantiero (1968), Salinas deu atenção às demandas estudantis, aceitou a demissão dos catedráticos conservadores, constituiu nova gestão com integrantes ligados ao movimento estudantil e garantiu aspectos da reforma da universidade. Isto deu mais vida ao movimento dos estudantes.

Embora o estopim do movimento de Córdoba tenha sido a eleição para reitor, há que se considerar que as mudanças reivindicadas, não eram só as educacionais, mas também as políticas e sociais. As reivindicações dos estudantes tiveram, por meio de Salinas, acolhida no governo de Yrigoyen, que era liberal, reformador e queria desenvolver o país em patamares mais democráticos.

Entre as reivindicações educacionais estavam, além de uma participação estudantil na gestão da universidade, a alteração e a instituição de cátedras livres, um projeto de autonomia universitária, isto é, autonomia de gestão e de didática e liberdade para alunos e para pessoas de fora da universidade assistissem as aulas. A cátedra vitalícia, o ensino dogmático e livresco eram criticados como ultrapassados e distantes da realidade social, e as práticas pedagógicas seguiam o estilo tradicional, isto é, aulas ditadas pelos docentes e repetição dos cursos oferecidos (BERNHEIM, 1998). Para atender as reivindicações eram necessárias mudanças nos Estatutos da Universidade e o reitor José Salinas muda esses Estatutos, o que ocasionou a mudança dos Estatutos de todas as universidades argentinas até 1921.

A Atualidade das Reivindicações do Movimento de Córdoba

Por serem ainda hoje extremamente importantes as reivindicações desses estudantes e por terem sido base para muitos outros movimentos de estudantes latino-americanos, como por exemplo, o movimento estudantil de 1968 no Brasil (PEREIRA, 2008), vamos analisá-las um pouco mais.

A Primeira etapa dessa reivindicação ocorreu no final de 1917, por meio de um abaixo assinado dirigido ao Ministério de Instrução Pública, reclamando uma democratização e mudança do sistema de cátedra. Queriam com isso, mudar a estrutura arcaica da universidade e apontavam que algumas universidades fora de Córdoba já eram centros de discussão sobre questões científicas modernas, sobre questões políticas e sociais, mas que a de Córdoba ainda permanecia conservadora. Os estudantes por meio do Manifesto de Córdoba² pediam mudanças nesses aspectos, como se pode ver neste trecho do documento:

Nosso regime universitário – mesmo o mais recente – é anacrônico. Está fundado sobre uma espécie de direito divino; o direito divino do professorado universitário. Cria-se a si mesmo. Nele nasce e nele morre, mantendo um distanciamento olímpico. A Federação Universitária de Córdoba se levanta para lutar contra esse regime (...). Reivindica um governo estritamente democrático e sustenta que, na comunidade universitária, a soberania, o direito de dar-se governo próprio radica principalmente nos estudantes. O conceito de autoridade que corresponde e acompanha um diretor ou um professor em um lar de estudantes universitários não pode apoiar-se na força de disciplinas estranhas à substância mesma dos estudos. A autoridade, em um lar de estudantes, não se exercita mandando, mas sugerindo e amando: ensinando. (tradução livre).

Quanto à liberdade de cátedra, a leitura do Manifesto deixa claro que os estudantes buscavam a multiplicidade de ideias, defendiam a possibilidade do ensino de diferentes correntes de pensamentos e tendências ideológicas e que eles mesmos pudessem expressar ideias filosóficas, científicas, sociais e políticas, sem repressões. A defesa desse ponto era pela liberdade de ensinar e aprender de acordo com o interesse do docente e do discente (PEREIRA, 2008).

Como já visto anteriormente, outro ponto central das reivindicações foi a ênfase num processo mais democrático, mais participativo e, nesse sentido, foram várias as questões apontadas, como: a participação dos alunos na governança da universidade; eleições paritárias; governo de cogestão; ampliação do acesso à universidade; assistência social a estudantes carentes; gratuidade; luta contra ditadura e imperialismo. Estes são aspectos importantes ainda hoje e a conquista deles nem sempre está presente em sistemas educacionais de ensino superior de muitos países latino-americanos. No Brasil, não se conhece universidade com eleições paritárias, particularmente, nas públicas. Não há

² O Manifesto de Córdoba pode ser consultado no site: <http://www.saber.ula.ve/bitstream/handle/123456789/22014/articulo2.pdf;jsessionid=F967643114118C3DA09C010BCD781716?sequence=1>

universidade com governo de cogestão. Por outro lado, há pouco tempo é que temos políticas que ampliaram o acesso à universidade e políticas de assistência social a estudantes carentes.

Outra reivindicação que o movimento trouxe foi a necessidade da universidade estar mais voltada para a sociedade e buscar soluções para as suas questões, para os grandes problemas da sociedade (essa era uma forma incipiente de entender a função da extensão). Queriam também a vinculação da universidade com os sistemas educativos de base, o diálogo com os níveis de ensino anteriores, auxiliando no processo formativo. Esta reivindicação é de grande importância ainda hoje e cada vez mais está presente nos propósitos da universidade contemporânea.

Acima de tudo, o Manifesto clamava por uma unidade latino-americana, desejando que os demais estudantes latinos ampliassem a luta em defesa da universidade sul-americana e em defesa da construção de um pilar educacional para a integração latino-americana. Assim se expressa o último parágrafo do Manifesto, “A juventude universitária de Córdoba, através de sua federação, saúda os camaradas de toda a América e os encoraja a colaborar no trabalho de liberdade que se inicia”. De certa forma, essa reivindicação tem uma resposta na proposição da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, criada em 2010.

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana – Unila, é uma universidade que em muitos pontos, traz o espírito do movimento de Córdoba. Seu projeto institucional traz claramente que a Unila nasce vinculada aos propósitos da Reforma de Córdoba, como se lê em seu site:

A Unila está comprometida com o destino das sociedades latino-americanas, cujas raízes estão referenciadas na herança da Reforma Universitária de Córdoba (1918), mas com uma perspectiva futura voltada para a construção de sociedades sustentáveis no século XXI, fundadas na identidade latino-americana, na sua diversidade cultural e orientada para o desenvolvimento econômico, à justiça social e à sustentabilidade ambiental.

Em seu projeto institucional apresenta como sendo a sua vocação:

ser uma universidade que contribua para a integração latino-americana, com ênfase no Mercosul, por meio do conhecimento humanístico, científico e tecnológico, e da cooperação solidária entre as instituições de ensino superior, organismos governamentais e internacionais.

A Unila apresenta um conceito ampliada de integração latino-americana que compreende “todos os países do continente americano que falam espanhol, português ou francês, bem como outros idiomas derivados do latim”. Com esse conceito ampliado a integração envolve todos os países da América do Sul, os países da América Central como Cuba, Haiti e República Dominicana e o México da América do Norte.

O Legado da Reforma

O legado da Reforma de Córdoba tem sido o de ser uma base que alimenta novos olhares para as demandas universitárias em todos os cem anos de sua existência. Suas

reivindicações, alcances, e acima de tudo, a consciência pelas lutas democráticas no interior e no exterior das universidades latino-americanas, são aspectos essenciais como mirantes de uma universidade inclusiva. São bússolas a indicar direções de fins e missões que ainda se fazem necessárias, a despeito de passadas dez décadas.

A ausência de algumas conquistas tem garantido a permanência das reivindicações da Reforma de 1918 nas lutas dos estudantes latino-americanos. Estes têm sido atentos em suas reivindicações, à políticas universitárias que indiquem maior democratização e aprofundamento de características de uma universidade latino-americana.

A defesa da autonomia universitária e de um processo cada vez mais aprofundado de democratização, de diversidade, de multiculturalismo, são princípios que unem os estudantes dos países latino-americanos e fazem parte, cada vez mais, dos movimentos dos estudantes deste século.

A inserção social da universidade e o olhar desta para as problemáticas da sociedade têm alterado práticas e evitado o seu fechamento em si mesma, quer seja na prática docente, nas pesquisas, na produção e especialmente nos propósitos da extensão.

Passados um século, os estudantes ainda verificam que muitas das reivindicações trazidas pelo movimento de Córdoba, a despeito de todo desenvolvimento científico, cultural, educacional e tecnológico, são propostas pelas quais vale lutar e efetivar conquistas.

Considerações Finais

O movimento de Córdoba teve como alvo alguns problemas que estruturavam a universidade e se mantinha por três séculos, a despeito das várias alterações havidas nesse tempo. Basicamente os problemas se voltavam para o regime administrativo da universidade, que era fechado e arbitrário; o método docente; o conceito de autoridade; a não autonomia imperante na Universidade de Córdoba, ainda no início do século XX. As bases das reivindicações do movimento foram: co-governo entre administradores, professores e estudantes; autonomia financeira da universidade; revogação da cátedra docente vitalícia; liberdade de ensino e disciplinas mais modernas; método mais atualizados de ensino; concursos públicos para contratação docente; compromisso aprofundado com a sociedade; atuação nos problemas sociais.

O movimento de Córdoba contribuiu, ao longo desses anos, para que os estudantes da América Latina mantivessem em mente as pautas trazidas por ele. Estas pautas têm muito de contemporâneo e inspiram o sentimento de que há ainda muito a ser mudado. Além disso, a própria universidade do século XXI tem novas pautas relativas às questões do seu tempo histórico, cultural, político, social.

Além do constante apelo que representa o movimento de Córdoba é importante que, no aspecto da integração latino-americana deste século, outros espaços de interculturalidade sejam criados. Há um entendimento para a América Latina ser uma unidade que ultrapasse a questão política e englobe a integração cultural e educacional.

No fenômeno da internacionalização do século XXI, a mobilidade estudantil provoca uma redescoberta dos países vizinhos e um sentimento latino-americano a respeito da cultura, dos valores e dos costumes.

O movimento de Córdoba permanece no século XXI não como um modelo, mas como uma inspiração. Hoje a cidade de Córdoba é considerada Patrimônio Histórico Cultural pela UNESCO, e o ensino na Universidade de Córdoba é livre, gratuito e laico.

Referências

BERNHEIM, C. T. La Reforma Universitaria De Córdoba. **Educación Superior y Sociedad**, Caracas: UNESCO, v. 9, n 1, p. 103-127, 1998.

BIAGINI, Hugo. **La reforma universitaria**: Antecedentes y consecuencias. Buenos Aires: Leviatán, 2000.

BONAVENA, Pablo Augusto; CALIFA, Juan Sebastián; MILLÁN, Mariano. **El movimiento estudiantil argentino**: historias con presente. Buenos Aires: Cooperativas, 2007.

BORCHES, C. A 90 años de la reforma universitaria: Córdoba se redime. **La Ménsula**, ano 2, n. 5, 2008. Disponível em: http://www.reformadel18.unc.edu.ar/privates/La_mensula%5B5%5D.pdf. Acesso em 24 de outubro de 2018.

CLARK, R.B. **The encyclopedia of higher education**. New York: Oxford; Seoul, Toquio: Pergamon Press, 1992.

MANIFESTO DE CÓRDOBA. La Juventud Argentina de Córdoba a los hombres libres de Sudamérica (Manifiesto del 21 de junio de 1918). Disponível em: MONCAYO, V. M. Permanencia, continuidad y cambio del movimiento universitario: reflexiones a propósito de la Reforma de Córdoba. In: SADER, E.; GENTILI, P.; ABOITES, H. **La Reforma universitaria desafíos y perspectivas noventa años después**. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

PEREIRA, E.M.A . Universidade no contexto da América Latina: 90 anos da Reforma de Córdoba e 40 anos da Reforma Universitária Brasileira. **Revista Políticas Educativas**, Campinas, v.2, n. 1, p.54-75, dez. 2008.

PORTANTIERO, J. C. **Estudiantes y política em América Latina**: el proceso de la reforma universitaria (1918-1939). México: Siglo Veintiuno, 1968.

RAMÍREZ, Hernán. **La Universidad de Córdoba**: socialización y reproducción de la elite en el período colonial y principios del independiente. Córdoba: Ferreyra Editor, 2002.

ROMO, A. D. e MÜHLENBROCK, R. C. La dimension social do movimento estudantil de Córdoba de 1918. **Izquierdas**, v. 33, p. 42 -65, mayo 2017.

ROSSATO, R. **Universidade**: nove séculos de história. Passo Fundo: EdiUPF, 1998.

SILVA, Leopoldo Nogueira. O Manifesto da F. U. de Córdoba de 1918: retomando o sonho do movimento estudantil para impulsionar uma revolução universitária na América Latina. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTIÓN UNIVERSITARIA EM AMERICA DEL SUR, 7., 2007, Mar del Plata, Argentina. **Trabalhos do...** Mar del Plata: [s.n.], 2007.

TCACH, César. Movimiento estudiantil e intelectualidad reformista en Argentina. (1918-1946) **Cuadernos de Historia**, n. 37, 2012.

UNILA- Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Vocação da Unila. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/conteudo/voca%C3%A7%C3%A3o-da-unila>. Acesso em: 31 out. 2018.